ANAIS

IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

APONTAMENTOS SOBRE A HISTORICIDADE DO MOVIMENTO HARE KRISHNA

Leon Adan Gutierrez de Carvalho (UFPR – PG)[1]

Resumo: O Movimento Hare Krishna, como foi difundido pela *International Society for Krishna Consciousness* (ISKCON), é tido como um dos Novos Movimentos Religiosos que configuraram um novo cenário no campo religioso do Ocidente, sobretudo, a partir dos anos 1960. Frequentemente associado ao movimento da contracultura, de onde vieram boa parte dos seus primeiros seguidores ocidentais, a ISKCON é, teologicamente, uma representação institucionalizada de um ramo tradicional do hinduísmo, conhecido como vaishnavismo. No presente artigo, iremos levantar alguns dados importantes sobre a historicidade do Movimento Hare Krishna, buscando trazer para a superfície, informações relevantes que, de maneira geral, não têm sido abordadas em textos acerca do tema, sobretudo, aqueles de caráter etnográfico. Para tanto, buscamos realizar tanto um levantamento bibliográfico em relação ao assunto, quanto uma problematização dos conceitos imprescindíveis para apontar uma historicidade Hare Krishna.

Palavras-chave: Movimento Hare Krishna; vaishnavismo; hinduísmo.

INTRODUÇÃO

Movimento Hare Krishna é uma denominação dada à religião professada pelos membros da *International Society for Krishna Consciousness* (ISKCON), fundada em 1966, em Nova Iorque, pelo guru indiano Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Apesar de figurar no Ocidente como um Novo Movimento Religioso (NMR), a teologia difundida pela ISKCON é anterior ao seu aparecimento ocidental e se baseia num dos principais ramos do hinduísmo tradicional, o vaishnavismo.

Nos termos de Gavin Flood (2014), o vaishnavismo seria uma religião hindu de "tradição bramânica". Bramânica porque são os sacerdotes (brâmanes) que funcionam como mediadores entre os bens divinos e os sujeitos, através de sua prática ritual. O vaishnavismo e as demais "tradições bramânicas", centradas na adoração e devoção a divindades específicas, começou a ser gestado na Índia por volta do século IV a.C. e foi se consolidando durante todo o primeiro milênio da era cristã.

Vishnu é uma divindade com características peculiares. Em termos genéricos – como

[1] Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

interpretado pelo neo-hinduísmo – ele seria a divindade (responsável pela manutenção do cosmos) que compõe a tríade hindu, ao lado de Brahma (divindade da criação do cosmos) e Shiva (destruição do cosmos). No entanto, para os *vaishnava* (adoradores ou devotos de Vishnu), ele é a divindade suprema, fonte de tudo o que existe e senhor ao qual todas as demais divindades prestam homenagens e serviços.

A adoração à divindade Vishnu (ou a um de seus *avatara*) foi institucionalizada na Índia através de reis ou líderes de importância local e regional que se converteram ao vaishnavismo através de iniciação com gurus *vaishnava*, sobretudo, a partir do período medieval indiano (500-1.500 d.C.) que é apontado por Flood (2014) como uma era de grande difusão do devocionalismo *vaishnava*.

O conceito de *bhakti* (traduzido geralmente como "devoção"), popularizado pelas poesias tâmeis, embora estivesse presente em diversos *Purana* e outros cânones da literatura religiosa hindu, passou a ter importância vital para o vaishnavismo a partir desse período, deslocando a necessidade que os indivíduos tinham da purificação ritualística operada pelos brâmanes e passando a focar na ligação entre indivíduo e divindade, através da devoção. Como consequência: "As tradições *bhakti* tendem a rejeitar as formas institucionalizadas de religião, como é o caso da ritualística dos templos, o *yoga* e a teologia; ao invés, elas tendem a privilegiar uma experiência direta com o divino [...], a efusão emocional do devoto com o divino" (FLOOD, 2014, p. 177).

Apesar dessa característica do devocionalismo *vaishnava*, é de vital importância o registro de que uma considerável diversidade de interpretações teológicas e ontológicas no vaishnavismo fizeram emergir, ao longo do período medieval (e logo após), "ordens" conhecidas como *sampradaya*.

"Ordem" não seria um termo exato para se referir às *sampradaya* já que se refere, originalmente, para definir os diferentes grupos monásticos católicos. Há uma dificuldade de tradução do termo, como aponta Flood (2014, p. 180):

> O termo "seita", "ordem", ou "tradição" é um equivalente tosco do termo sânscrito *sampradaya* que se refere, basicamente, a uma tradição vinculada a uma divindade, geralmente, de caráter regional, na qual um discípulo é iniciado por um guru. Além disso, cada guru é entendido como parte de uma linhagem de gurus, uma *santana* ou *parampara*, cuja origem remonta a um patriarca fundador ou a uma divindade. [...]. Após a iniciação (*diksa*) à *sampradaya*, o discípulo compromete-se a respeitar os valores da tradição e da comunidade, recebe um novo nome e é iniciado no mantra sagrado da tradição.

Vemos que, para a compreensão do termo "*sampradaya*" remete à uma tradição e, assim, considero que é preciso uma contextualização histórica. Tradicionalmente, os *vaishnava* citam quatro *sampradaya* principais, sempre apontando os seus fundadores e suas doutrinas: a Sri Sampradaya, surgida na região de Tamilnadu, fundada por Ramanuja (1017-1137), com a doutrina do não dualismo qualificado (*vishishtadvaita*); a Rudra Sampradaya, sistematizada por Vallabha (1473-1531), com a doutrina do "puro não dualismo" (*shuddhadvaita*); a Kumara Sampradaya, fundada por Nimbarka (1125-1162), com a doutrina do dualismo e não dualismo inerente (*svabhavika-dvaitadvaita*); e a Brahma Sampradaya de Madhva (1238-1317) com o dualismo puro (*dvaita*) (VALERA, 2015, p. 19)[2].

Essas diferentes *sampradaya* apresentavam pequenas diferenças entre si, sobretudo, na esfera da ontologia e metafísica baseados na literatura do *Vedanta*[3]. O que vem a ser o ser (*atma*), o que é o *Brahman*[4] e sua relação com o mundo material (*prakriti*). Além disso, algumas centravam o seu foco de adoração no próprio Vishnu e outras, em uma de suas encarnações, como Krishna ou Rama. As *sampradaya* têm uma importância tão grande dentro do vaishnavismo que a tradição acredita que, fora delas não se tem resultados espirituais[5].

Todas essas escolas surgiram como uma reação ao grande desenvolvimento, nos séculos anteriores, da doutrina do "não dualismo" (*advaita*) do *acharya* Shankara (século IX)[6]. Shankara e sua doutrina se tornaram tão difundidos por toda a Índia que até hoje boa parte do que se concebe como "hinduísmo" é influenciado pelas interpretações e comentários das escrituras feitas por (ou a partir de) Shankara e seus seguidores. Eles também fundaram inúmeros monastérios (*ashrama*) e templos, tornando o *advaita-vedanta* uma interpretação dominante nos círculos eruditos e teológicos hindus ao longo do período medieval.

A diferença básica entre as *sampradaya vaishnava* e o monismo do *advaita vedanta* partia do ponto em que, para Shankara, as divindades possuíam formas personificadas

[2] O autor traduz "*sampradaya*" como "escolas teológicas", o que nos parece mais próximo de como elas se portavam, embora, por si só, não traduzam a complexidade que só o conhecimento histórico sobre elas pode dar.
[3] Os *Vedanta* ou *Brahma Sutra* são textos provavelmente por volta de 100 a.C. e atribuídos à Badarayana ou Vyasa. Sua grande contribuição foi ter realizado um resumo coeso dos ensinamentos das *Upanishad*, textos filosóficos e ontológicos da literatura hindu. Cf. SULLIVAN, 1997, p. 46.
[4] O "Brahman", por sua vez, é um princípio metafísico. Seria o "poder sagrado", o todo espiritual, a "realidade última" para além do mundo fenomenológico. Ibidem, p. 47. No neo-hinduísmo, o conceito de Brahman é às vezes identificado com o de "Deus", no entanto, o conceito geralmente remete a uma concepção impessoal e amórfica do Absoluto e não a uma concepção personalista, como o segundo conceito sugere.
[5] "Fora da tradição discipular (*sampradaya*), o mantra recebido na iniciação não traz resultados". Essa seria uma citação do *Padma Purana*: cf. VALERA, 2015, p. 200.
[6] A doutrina metafísica do Advaita Vedanta afirma que *brahman* (energia espiritual cósmica) é a única realidade, um sem um segundo, e que é por natureza, consciência e bem-aventurança e que o "eu" ou "si mesmo" (*atman*) é também *brahman*. A palavra "*advaita*", literalmente, "não dual" indica que o eu individual e o eu universal não teriam distinção. Essa doutrina ficou conhecida como "monismo". Ibidem, p. 22.

temporárias, pois, em última instância, a realidade última do ser cósmico (*Brahman*) é sem forma. Os *vaishnava*, que foram influenciados diretamente pelo devocionalismo (*bhakti*), discordavam da ideia de adorar um "algo" espiritual, sem forma, nem qualidades[7]. Ou seja, a grande discordância que envolvia os *advaita*-vedantistas e os *vaishnava* é que os primeiros eram "impersonalistas" e os segundos eram "personalistas", adoradores de Vishnu como um deus pessoal[8].

No século XVI, uma nova interpretação do vaishnavismo começou a tomar forma na região da Bengala (hoje Bengala Ocidental), conhecida também pelo nome de Gauda, a partir da figura carismática de Chaitanya (1486-1534). Chaitanya, filho de uma família bramânica tradicional, após tomar iniciação espiritual de um guru *vaishnava*, segundo suas hagiografias, ele teria sido tomado por grandes êxtases místicos e passado por experiência emocionais espirituais intensas advindas da prática de cantar mantras em glorificação a Krishna[9].

Utilizando-se do ato de cantar mantras publicamente em voz alta - uma prática rejeitada pela ortodoxia bramânica, já que os mantras recebidos na iniciação eram individuais e deveriam ser entoados solitariamente pelo iniciado – Chaitanya e seus seguidores se tornaram populares na região, estendendo a prática para os membros de castas baixas, os sem castas e os muçulmanos – que naquele período, dominavam politicamente a região através do Império Mughal.

Aos 25 anos de idade, Chaitanya teria sido iniciado na ordem sociorreligiosa dos renunciantes (*sannyasa*) e, a partir de então, passou a pregar fortemente sua visão teológica, palestrando por onde passava, derrotando seus oponentes nos debates e convertendo-os. A sua teologia era baseada no cantar de mantras em adoração a Krishna, especialmente, do mantra *Hare Krishna*[10], na celebração do amor conjugal de Krishna com Radha, na leitura do *purana* dedicado às histórias de Krishna (o *Bhagavata Purana*) e à adoração aos ícones ou deidades (*murti*) de Krishna em suas diversas formas. O canto dos mantras deveria se dar tanto na forma individual, entoando baixinho com a ajuda de um colar de contas (*japa*), como, principalmente, do canto em voz alta (*sankirtana*), a ser executado alegremente com outros praticantes com auxílio de instrumentos musicais.

[7] Ibidem, p. 21-29.
[8] Esse devocionalismo atingiu patamares ainda mais "íntimos" com as encarnações de Vishnu, Rama e Krishna. Cf. SCHWEIG, 2004, 13-30.
[9] As principais hagiografias de Chaitanya, nas quais baseio esses comentários, são o *Sri Chaitanya Charitamrta* e o *Sri Chaitanya Bhagavata*, ambos escritos, provavelmente entre os séculos XVI e XVII.
[10] O mantra "*Hare Krishna*" é o mesmo entoado até hoje pelos seguidores do movimento Hare Krishna: "*Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare / Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare*".

No período pós-Chaitanya, o vaishnavismo *gaudiya* se manteve vivo entre os séculos XVI e XVIII com a continuidade dada pelos discípulos dos *goswami*, pelos discípulos dos seus discípulos (e assim por diante) que se tornaram devotos importantes dentro dessa tradição[11].

Apesar do vaishnavismo *gaudiya* ter produzido a maior parte dos seus cânones entre os séculos XVI e XVII e de ter se expandido para fora da Bengala para outras regiões da Índia - como os atuais estados de Uttar Pradesh e Orissa - a tradição acredita que que o ativismo e a obra literária de Baladeva Vidyabhushana, no século XVIII, foi o responsável por oficializar o vaishnavismo *gaudiya* no *hall* das demais prestigiadas *sampradaya vaishnava*. De fato, a tradição *gaudiya* ganhou grande destaque como interpretação *vaishnava* e hoje constitui uma das mais importantes vertentes do vaishnavismo, ao lado da Sri Sampradaya (Cf. FLOOD, 2014, p. 181-189).

Para concluir este ponto, gostaríamos de lembrar as palavras de Marcos Silveira (2005, p. 82) sobre o termo *sampradaya*:

> No Hinduísmo não há uma Religião nem uma Igreja no sentido cristão. O que está mais próximo do que o mundo ocidental denomina de "Religião", enquanto comunidades de pessoas com aspirações comuns e que trilham os mesmos caminhos em direção ao sagrado, são as *sampradaya*, as correntes de sucessão discipular, sejam budistas, jainistas, Shivaístas, Shaktas ou Vaishnavas.

Assim, após essa explanação, podemos definir, com toda a certeza, que o vaishnavismo é uma "religião" do hinduísmo (que, por sua vez, não é "uma religião", mas, um conglomerado de "religiões") e que o vaishnavismo *gaudiya* é melhor descrito como uma *sampradaya* deste, ou seja, uma *sampradaya vaishnava*. Definir o vaishnavismo *gaudiya* ou o "chaitanismo" como uma *sampradaya vaishnava* nos ajuda a situar historicamente todo esse contexto. Se levarmos em conta toda a discussão feita sobre o conceito de "religião" e a historicidade dessa tradição, numa perspectiva de religiões comparadas, podemos dizer que o *vaishnavismo gaudiya* é hoje uma religião que integra a paisagem religiosa do hinduísmo.

MODERNIZAÇÃO DO VAISHNAVISMO *GAUDIYA*

Apesar do vaishnavismo *gaudiya* ter sido oficializado entre os séculos XVI e XIX em diversas regiões por monarcas *vaishnava* locais, não havia, como nas igrejas cristãs ocidentais,

[11] Tal foi o caso de três dos mais importantes gurus da história do vaishnavismo gaudiya para além dos *goswami* de Vrndavana, narradas na compilação histórico-hagiográfica: ROSEN, 2002.

instituições religiosas que centralizassem o ditado das normas, das teologias etc. Como vimos, as *sampradaya* possuem certa unidade, mas não dependem de um corpo impessoal de especialistas que integram uma instituição, mas, diretamente da interpretação e liderança pessoal dos gurus e *acharya*. Ou seja, a tradição se mantém através da sucessão discipular (*parampara*) formada em torno de um ou alguns gurus que vão atualizando a teologia de tempos em tempos de acordo com os desafios teológicos e sociais que se deparam.

No final do século XIX e início do XX, importantes mudanças se deram no contexto do vaishnavismo *gaudiya*, no hinduísmo e na história política indiana de maneira geral. A colonização britânica na Índia e a presença de diversas instituições ocidentais seculares e religiosas em solo indiano, proporcionou intensas trocas culturais, marcadas, entre outras questões, pela exploração e violência. A Índia foi incorporada ao império britânico em 1858, porém, desde 1757, a Companhia das Índias Orientais, empresa que administrava os empreendimentos coloniais britânicos na região, havia expulso o *nawab* (monarca) da Bengala e entronado um novo líder favorável à Coroa britânica. Assim, Calcutá, a capital da província, era o epicentro dos negócios britânicos na Índia desde um século antes da oficialização da colonização da Índia.

A presença de missionários, sobretudo, protestantes em Calcutá, e o desenvolvimento, posterior de igrejas, escolas, hospitais e universidades tiveram um impacto imediato nos bengalis, principalmente, sobre as classes mais altas. O extenso comércio exercido pela Companhia das Índias enriqueceu uma pequena elite local de comerciantes. Para lidar com a liderança comercial e, posteriormente, política dos britânicos, boa parte dessa elite bengali passou a enviar seus filhos para estudar nos institutos educacionais britânicos na Índia e também na metrópole. Essa elite passou a adotar certos valores e costumes ocidentais, inclusive religiosos, favorecendo uma hibridização cultural e religiosa[12] que culminou naquilo que se costuma chamar de Renascimento Hindu (*Hindu Renaissance*).

O Renascimento Hindu teve como um dos seus epicentros, justamente, a "galinha dos ovos de ouro" dos interesses comerciais britânicos na Índia, a cidade de Calcutá. Ele seria o resultado de um amplo trânsito de valores e símbolos sociais entre a Índia e o Ocidente, fruto do processo de modernização da Índia (SILVEIRA, 2008, p. 127-137). O primeiro resultado

[12] Para Canclini (2000), a "hibridização" é um processo em que as estruturas e práticas modernas se fundem com outras formas de cultura e sociabilidade pré-modernas, como as desenvolvidas pelas metrópoles em suas colônias (como é o caso da América Latina e Índia), gerando assim, novos produtos e realidades que nem são totalmente "modernas" e, também, não são mais restritas aos processos anteriores ao desenvolvimento da colonialidade. Peter Burke (2016, p. 28-29) diz que "em um nível coletivo, algumas religiões relativamente novas são exemplos particularmente claros de hibridização".

desse trânsito religioso se deu através da figura de Rammohan Roy (1772-1833), "um dos primeiros brâmanes bengalis a ser educado no pensamento ocidental e em língua inglesa, dando início ao diálogo entre a religiosidade indiana e a visão cristã do Ocidente, em Calcutá" (Ibidem, p. 128).

Ele começou a escrever comentários sobre textos como o *Vedanta Sutra*, sobre os ensinamentos de Jesus e desenvolveu uma doutrina baseada em um monoteísmo universal (que mesclava cristianismo e monismo *vedanta*) e na assistência social. Sua concepção era claramente reformista, tanto do hinduísmo, quanto do cristianismo. Em 1828 ele fundou a Brahmo Sabha – mais tarde denominada Brahmo Samaj ("sociedade de Deus"). A doutrina formulada pela Bramo Samaj, incluindo também o conjunto de todas as outras religiosidades e instituições que ela influenciou, anos mais tarde, viria a ser conhecida como sendo o "neo-hinduísmo" (Ibidem, p. 128-129)[13].

A Brahmo Samaj veio a constituir uma verdadeira escola de formação de novos líderes e reformadores do hinduísmo em Calcutá e passou a ser um modelo, tanto para os apoiadores, quanto para os opositores das ideias de Roy. A Brahmo Samaj teria conquistado uma parcela importante da juventude da época "ansiosa por encontrar uma mediação entre os novos valores aprendidos nas escolas britânicas e os valores familiares da cultura bengali" (Ibidem, p. 131).

Um dos jovens bengalis influenciados por esse renascimento foi Bhaktivinoda Thakura (1838-1914) – e aqui chegamos ao ponto específico que queremos tratar. Nascido como Kedaranatha Datta, em 1838, membro de uma das famílias mais aristocráticas da Bengala, ele foi "quem realmente construiu o movimento religioso difundido posteriormente no Ocidente", ou seja, o Movimento Hare Krishna (Ibidem, p. 148).

Bhaktivinoda foi educado em escola e faculdade britânicas da Bengala, pôde acompanhar diversos debates na Brahmo Samaj, conhecia a teologia cristã e era fluente em inglês. Em 1858, após se formar na Universidade de Calcutá, passou a trabalhar como magistrado e teria entrado em contato com a literatura devocional do vaishnavismo *gaudiya*. A partir daí ele começou a estudar seriamente esses textos e fundou sociedades de estudos, como a Bhagavata Samsad – voltada para estudo do *Bhagavata Purana* (obra primordial para o Chaitanismo) – e a Vidvat Sabha, voltada para o estudo da *bhakti* ioga (devocionalismo *vaishnava*).

[13] O autor defende que o termo "neo-hinduísmo" foi criado por acadêmicos para se referir a todo esse processo de reformulação das religiões que, ao entrarem em contato com a modernidade colonial, reformularam as tradições do hinduísmo, tornando-as "adaptadas" ou reformadas para uma realidade de mundo globalizado que se concretizava.

Ao longo dos anos seguintes, Bhaktivinoda, que era patriarca de uma grande família, dedicou-se ao trabalho e, também, à tradução e publicação de livros sobre a temática do vaishnavismo *gaudiya*, incluindo romances (um gênero ocidental moderno), tornando-se um pregador influente[14]. Ele fundou também a Shri Vishva Vaishnava Sabha, "voltada para a difusão da *bhakti* ioga entre os membros das classes mais altas da cidade. Ele se tornou amplamente conhecido pelos seguidores de Chaitanya de toda a Índia quando, através de pesquisas escriturais e históricas, teria redescoberto o local de nascimento de Chaitanya, Mayapur, na cidade de Nabadwip. A descoberta foi legitimada por uma série de autoridades religiosas da região e em 1898, ele já inaugurava o templo de Mayapur que levantara fundos para construir. Para garantir uma perfeita gestão do templo, ele fundou a Chaitanya Matha, instituição responsável pelo templo de Mayapur, contendo alojamento para sacerdotes e monges. Aqui é importante destacarmos esse conceito de *matha*.

Uma *matha* é uma "associação religiosa" ou "ordem monástica", dirigida por um guru específico, pelos seus discípulos ou seguidores (SILVEIRA, 2005, p. 84). É uma instituição monástica de *sannyasis* (renunciantes) e seus alunos ou discípulos (THE EDITORS..., 2007, s/p), geralmente situada em torno de um templo ou lugar de peregrinação e vinculada à uma *sampradaya*. A origem das *mathas* não se deu no contexto moderno indiano, mas no período medieval com Shankara, o criador do *advaita vedanta*, no século IX[15]. As quatro *sampradaya vaishnava* tradicionais, apesar de terem surgido como contraponto teológico ao *advaita vedanta*, se utilizaram de formatos sociorreligiosos criados por Shankara e também formaram suas *matha* em diversas localidades.

Não obtive registros bibliográficos para saber se a Chaitanya Matha foi a primeira *matha* oficialmente estabelecida na história do vaishnavismo *gaudiya*. No entanto, podemos afirmar de certeza que ela teve um grande impacto em toda a tradição do Chaitanya vaishnavismo por simbolizar uma revitalização de Chaitanya, do seu local sagrado de nascimento e de sua doutrina na sua terra natal, em um período em que o neo-hinduísmo, enquanto teologia sincrética ou inter-religiosa, ganhava cada vez mais visibilidade. Bhaktivinoda em seus textos não mesclou elementos teológicos de outras religiões, como Vivekananda e os membros da Brahmo Samaj o fizeram, entendendo-se mais como alguém que

[14] Em 1896, Bhaktivinoda teria enviado para uma universidade canadense, a primeira cópia em língua inglesa de uma biografia sobre Chaitanya e seus ensinamentos.
[15] Por sua vez, Shankara adotou a forma de monastérios – que não existia no contexto anterior do hinduísmo, marcado pelo brahmanismo dos *Vedas* – baseando-se nos mosteiros budistas. Shankara foi, de fato, um reformador bem-sucedido do hinduísmo frente ao grande prestígio intelectual alcançado pelos budistas no início do primeiro milênio da era cristã.

promovia um resgate da ortodoxia dos seis *goswami* – o que teria lhe rendido o título de "o sétimo *goswami*"[16]. No entanto, ele se utilizou, a exemplo dos neo-hinduístas, de ferramentas modernas para difundir seu movimento, como romances, artigos de periódicos, textos em inglês e pregação voltada para uma elite social influenciada pela ocidentalização da Índia, visando até mesmo os próprios ocidentais[17].

Ainda mais marcante para a tradição seria a atuação de Bhaktisiddhanta Sarasvati (1874-1937), filho de Bhaktivinoda que daria continuidade ao seu legado. Sendo, desde muito jovem, um aluno dedicado no estudo das escrituras e na prática *vaishnava*, em 1915, após a morte do pai, ele já era reconhecido como erudito e assumiu para si a responsabilidade de dar seguimento a obra pai. Bhaktisiddhanta modernizou substancialmente a teologia *viahsnava gaudiya* e adotava amplamente elementos modernos na sua pregação.

Bhaktisiddhanta expandiu o vaishnavismo *gaudiya* para além das fronteiras da Bengala. Em 1918 ele adotou as vestes e o estilo de vida de *sannyasi* (ordem renunciada) e em 1920 ele fundou a Gaudiya Math and Mission. Sua pregação forte (dirigida a todos, mas, sobretudo, para a juventude de classe média indiana), seu carisma e seus meios modernos de difusão, fizeram com que, no momento de sua morte (1937), ele já tivesse fundado 64 *matha* por toda a Índia, escrito dezenas de livros e fundado alguns jornais como meio de pregação (alguns deles em inglês). Pouco antes disso, em 1933, Bhaktisiddhanta chegou a enviar alguns de seus discípulos para a Europa, fundando centros ou "missões" em Londres e Berlin (JONES; RYAN, 2007, p. 165).

Em 1922, Bhaktisiddhanta conheceu um dos seus discípulos mais bem-sucedidos. Abhay Charan De (nome de batismo de Bhaktivedanta Swami Prabhupada) era um jovem de família *vaishnava* de comerciantes bengalis. Assim como muitos jovens de classe média do período, Abhay estudou em escolas britânicas e, como boa parte dos seus colegas, passou a professar as ideias do nacionalismo indiano liderado por Mahatma Gandhi. Segundo a biografia oficial de Prabhupada, apesar de seu pai ser um devoto de Krishna dedicado, o jovem Abhay não se interessava pelos *sadhu* (homens tidos como santos) hindus até conhecer Bhaktisiddhanta.

[16] A biografia oficial da ISKCON sobre Baktivinodha leva essa expressão como título e atribui a ele grande importância: Pode-se dizer que ele foi o principal responsável pela renascência (sic) do movimento para a consciência de Krishna em sua forma original e o mais importante filósofo *vaishnava* na história do vaishnavismo *gaudiya* desde a época de Baladeva Vidyabhushana". DASA, 2003, p. 27.

[17] Em sua biografia, há a descrição de que ele teria tido uma visão mística de que, em um futuro próximo, milhares de devotos carregando bandeiras de todos os países do mundo, desfilariam em Mayapur cantando *Hare Krishna*. Ibidem, passim. Essa "profecia" seria largamente usada pela ISKCON para se legitimar diante da tradição.

Segundo a biografia oficial de Prabhupada, no primeiro encontro entre os dois, o guru teria dito ao jovem Abhay (que estava acompanhado de um amigo): "Vocês são jovens educados. Por que não pregam a mensagem do Senhor Chaitanya em todo o mundo?". O jovem teria ficado impressionado com a pregação audaciosa de Bhaktisiddhanta que o teria convencido de que o movimento de Gandhi não era tão importante – visto que era temporário – e que a independência da Índia poderia esperar. Mas o movimento de Chaitanya era eterno, transcendental e precisava ser expandido urgentemente. Abhay teria, nesse encontro, escolhido o seu mestre espiritual. Apesar disso, como já era um chefe de família, Prabhupada não pode tornar-se um monge e viver em um dos templos de Bhaktisiddhanta, mas, passou a ser um leitor e frequentador dos programas da Gaudiya Math. Apenas em 1933 ele foi recebeu a iniciação espiritual de seu guru (GOSWAMI, 2008a, p. 51).

Após a morte do seu fundador, a Gaudiya Math entrou em uma crise de sucessão. Bhaktisiddhanta não havia apontado um *acharya* sucessor – pois seria de seu desejo que a instituição fosse administrada por uma comissão composta pelos principais líderes da instituição. Esse seria mais um aspecto modernizante introduzido por Bhaktisiddhanta, já que, tradicionalmente, as *sampradaya* eram sucedidas a cada geração por um guru ou *acharya* que deve liderar os discípulos, tentando manter a ordem e a tradição dos seus antecessores (ou reformando-as, quando necessário). Essa inovação não foi implementada por parte de vários líderes da Gaudiya Math e, assim, uma "guerra" de sucessão teria desmembrado a instituição em diversas pequenas *matha* independentes, cada uma liderada por um dos líderes da antiga instituição (Ibidem, p. 105-131)[18].

Abhay não teria tomado partido nas disputas internas da *matha* fundada por seu guru e nem aderido a alguma das novas *matha*, embora contribuísse ocasionalmente com as missões dos seus irmãos espirituais. Ele seguiu estudando, contribuindo com artigos para os jornais *vaishnava* e, em 1944, iniciou o seu próprio periódico, o jornal *Back to Godhead* em que ele mesmo escrevia, editava, publicava e distribuía na Índia (ROCHFORD JUNIOR, 1985, p. 10).

Entre 1952 e 1953, Abhay já tinha recebido o título "Bhaktivedanta" de seus irmãos espirituais pela sua habilidade enquanto pregador e conhecedor da literatura do vaishnavismo *gaudiya* e estava praticamente afastado da sua família e de seus negócios, procurando dedicar-se mais intensamente à religião. Nesse período, vivendo na cidade de Jhansi, ele fundou a Liga dos Devotos. Seu biógrafo oficial comenta, sobre esse momento:

[18] As novas *matha* foram se formando ao longo do tempo, na medida em que a instituição original foi se desmembrando. Entre elas estão: a Sri Gaudiya Vedanta Samiti (1940); Sri Chaitanya Saraswat Math (1941); Sri Chaitanya Gaudiya Math (1953); Sri Krishna Chaitanya Mission (1966), entre outras.

> Como seus irmãos espirituais, que haviam criado novas *matha* após a dissolução da Gaudiya Math, Abhay estava formando uma nova ramificação da Gaudiya *sampradaya*, a ser conhecida como "Liga dos Devotos". Ele não estava simplesmente reivindicando propriedade sobre alguns prédios; estava estabelecendo uma sociedade consciente de Krsna que se expandiria até transformar-se em movimento mundial (GOSWAMI, S., 2008a, p. 166-167).

Devido a uma série de divergências administrativas sobre a posse e autorização do prédio onde a sociedade estava instalada, Abhay teve de abandonar o projeto da Liga de Devotos, mesmo tendo criado uma "clientela" e tendo feito seu primeiro discípulo na época. A partir daí ele passou a residir, como um renunciante, entre templos de *matha* administradas por seus irmãos espirituais ou nos templos *vaishnava* de Vrindavan, cidade mais sagrada para a religião, dedicando-se a escrever artigos e os seus primeiros livros. Em 1959, ele tomou *sannyasa* através de discípulos mais antigos de Bhaktisiddhanta e adotou o nome de A. C. Bhaktivedanta Swami (GOSWAMI, 2008a, p. 183-242).

Em 1965, após realizar diversos planos para ir ao Ocidente "cumprir a missão" que seu guru lhe dera de pregar o Chaitanismo para o público de língua inglesa, ele finalmente conseguiu uma passagem em um navio cargueiro da Scindia Steam Navigation Company para Nova Iorque. Ele partiu para o Ocidente, praticamente sem dinheiro e sem conhecer ninguém em solo estadunidense, apenas com um endereço de um imigrante indiano (GOSWAMI, 2008b, p. 14-22). No ano seguinte ele fundaria a ISKCON e já despontaria como o guia espiritual dos seus primeiros discípulos ocidentais.

MOVIMENTO HARE KRISHNA: EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO HISTÓRICA

A esta altura do presente texto, o leitor pode estar se perguntando os motivos que levaram o autor a discorrer sucintamente sobre a história do vaishnavismo *gaudiya* neste artigo. O objetivo de realizar esse trajeto histórico foi evidenciar que é preciso situar historicamente a religião para poder compreendê-la e defini-la com precisão. Uma das questões que mais incomodavam a mim, enquanto pesquisador do Hare Krishna, é que boa parte das análises e definições sobre o que seria o movimento ou a ISKCON, partem de uma linha temporal que começa com a chegada de Prabhupada aos Estados Unidos (1965) e a fundação da ISKCON (1966).

É evidente que esse é um momento marcante e crucial para se entender o que vem a ser chamado de "Movimento Hare Krishna" porque o próprio termo literal surgiu com o desenvolvimento da pregação de Prabhupada e seus discípulos nos EUA. Ao abordar esse tema,

algumas perguntas são feitas: de onde vem esse movimento e sua teologia? Como situar a sua teologia? O que possibilitou a difusão desse movimento para fora da Índia? E frequentemente, as respostas a estas perguntas nos estudos sociais contextualizam o Ocidente do Pós-Guerra, a Contracultura, os NMRs, a Nova Era, o "reencantamento do mundo" e outros eventos.

No entanto, tais abordagens, apesar de serem relevantes, explicam apenas uma parte do fenômeno e desconsideram os eventos históricos que ocorreram anteriormente: a historicidade do próprio vaishnavismo *gaudiya*, seu desenvolvimento entre os séculos XVI-XVII, sua legitimação enquanto *sampradaya* perante as tradições *vaishnava* no século XVIII e, principalmente, seu processo de modernização que foi iniciado no século XIX no contexto de revitalização do hinduísmo na Índia, então colônia britânica.

Apontar o Movimento Hare Krishna como uma mera produção ocidental, fruto apenas do desejo de "consumismo espiritual" oriental em voga nos anos 1960 no Ocidente, retira dos hindus a própria capacidade de agência, de produzir instituições, sujeitos e uma cultura religiosa que procurava sua "universalização" desde o século XIX. É preciso situar que, historicamente, a institucionalização do canto de Hare Krishna, da sua teologia, dos seus livros etc., não começou no Ocidente, nem na "era dos hippies", mas, na própria Índia com os indianos que se ocidentalizavam com a mundialização promovida pela colonização britânica. A universalização do vaishnavismo *gaudiya* não foi um fruto exclusivo de uma escolha unilateral do Ocidente por novas teodiceias[19], mas de interações de uma via de mão dupla entre o Ocidente e o Oriente (cf. SILVEIRA, 2005).

A ISKCON, como instituição que difundiu o Movimento Hare Krishna no Ocidente, é fruto de uma "tradução cultural" de Prabhupada, ou seja, uma tentativa de explicar, adaptar e praticar o vaishnavismo *gaudiya* modernizado por seus antecessores, em um Ocidente ainda desconhecedor de sua tradição. O processo de "tradução cultural" se dá quando indivíduos pertencentes à uma cultura, se inserem em outro contexto cultural pretendendo aplicar, explicar, representar conscientemente o contexto da primeira, na segunda. Como aponta Peter Burke, ela é fruto da agência humana, ou seja, fruto de processos históricos postos em prática por indivíduos conscientes disso (BURKE, 2016, p. 63).

Prabhupada não pode ser considerado o "criador" do Movimento Hare Krishna visto que ele foi apenas mais um dos membros da Gaudiya Math a difundir teologias, práticas e formas de gerência que são oriundas de gurus antecessores. Evidentemente, no processo de "tradução", ele acabou inserindo novos elementos, inclusive teológicos, e negociações para

[19] Como parece sugerir: CAMPBELL, 1997, p. 5–22.

obter sucesso com uma clientela não indiana. Mas o formato moderno adotado, tanto por ele, quanto por seus antecessores é sinal de uma tradução que não se dá apenas no sentido geográfico – da Índia para o Ocidente -, mas também, em termos de conjuntura: do contexto tradicional, para o moderno. E esse último aspecto começou bem antes de Prabhupada e ainda em solo indiano.

O desenvolvimento do Hare Krishna no Ocidente não foi somente uma questão de consumo religioso dos ocidentais. Embora o consumo desses bens religiosos indianos pelos ocidentais seja um fato, é preciso notar, observando a desenvoltura da própria história do vaishnavismo *gaudiya*, que a ISKCON é fruto de um processo de reação de uma tradição religiosa bengali que, para se afirmar diante da modernização e, sobretudo, da colonização da Índia, acabou – tal como o nacionalismo indiano -, adotando as próprias ferramentas modernas (como o missionarismo das igrejas metropolitanas) para se afirmar.

Prabhupada foi certamente inovador, mas não a ponto de se desligar da corrente de sucessão discipular de sua *sampradaya*. Ele seguiu os mesmos moldes da Gaudiya Math estabelecida por Bhaktisiddhanta em 1920 que, por sua vez, se inspirou na obra de seu pai, Bhaktivinoda que, por sua vez, baseou-se nos moldes institucionais neo-hindus bengalis no início do século XIX, como a *Brahmo Samaj*, para promover uma teologia inspirada nos *goswami* e *acharya vaishnava* dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Como movimento religioso inserido no Ocidente, certamente é algo novo. Ainda mais inovador era o fato de estabelecer como epicentro desse movimento, uma influente metrópole ocidental (Nova Iorque) e, partindo dali, e não do local de origem daquela tradição (a Índia), uma sociedade religiosa internacional que visava, sobretudo, a conversão dos ocidentais. Com o sucesso das primeiras levas de convertidos, Prabhupada foi inserindo gradativamente a ortodoxia que ele almejava que seus seguidores tomassem para si, impressionando e impactando a própria tradição *gaudiya* indiana que levou alguns anos para digerir e se adaptar a ISKCON.

Assim, considerando toda a historicidade aqui levantada, voltamos à pergunta inicial do tópico: o que seria o Movimento Hare Krishna? Se quisermos levar em consideração a história do próprio objeto religioso estudado, podemos dizer que "Movimento Hare Krishna" é um movimento de modernização e institucionalização da *sampradaya* do vaishnavismo *gaudiya* iniciado no século XIX com Bhaktivinoda e firmado por Bhaktisiddhanta Sarasvati e seus discípulos, incluindo Bhaktivedanta Swami Prabhupada.

Nesses termos, a ISKCON não é "o" Movimento Hare Krishna em si, mas é, desde a

sua fundação, de seu fundador, de seus livros, práticas e doutrinas, uma "*matha*" *vaishnava gaudiya* que se internacionalizou, utilizando-se de meios de pregação modernos, realizando uma tradução da cultura *vaishnava gaudiya* para os ocidentais, ao mesmo tempo em que ajudou a revitalizar a própria tradição, influenciando-a e sendo influenciada por ela. A ISKCON é parte integrante do "Movimento Hare Krishna" que, a nosso ver, representa a soma de todos os "movimentos" surgidos desde o século XIX com as ações de Bhaktivinodha, passando pela Gaudiya Math de Bhaktisiddhanta e todas as suas ramificações. Desde 1966, a ISKCON passou a representar e se apresentar como sendo "o" Movimento Hare Krishna no Ocidente e, de fato, o foi até os anos 1980, quando "outros movimentos Hare Krishna" que se formaram a partir da ISKCON, como a Missão Vrinda[20], o ISKCON Revival Movement (IRM)[21] e diversas *matha* que, na carona dos espaços abertos pela ISKCON no Ocidente, promoveram suas internacionalizações a partir da Índia e também foram identificadas ou identificam a si mesmas enquanto "Movimento Hare Krishna.

O Movimento Hare Krishna propagado pela ISKCON, do ponto de vista teológico, não segue uma "doutrina neo-hindu" visto que muito do que se entende em termos doutrinários por "neo-hinduísmo" foi definido por Rammohan Roy, Ramakrishna e Vivekananda e se constitui como um apelo universalista e ecumênico, baseando-se no impersonalismo do *Vedanta*, como vimos[22]. No entanto, o formato de organização e as ferramentas para a difusão da pregação e das práticas *vaishnava* foram os mesmos utilizados por essas instituições, todas elas, surgidas a partir da moderna Calcutá.

O Movimento Hare Krishna se colocou, com Bhaktivinoda e Bhaktisiddhanta, como revitalizador da ortodoxia dos chaitanismo dos *goswami*. No entanto, em termos práticos, essa revitalização se deu com a utilização de meios modernos, como a escrita e publicação de romances, de artigos de jornais, revistas, utilização da língua inglesa e de formatos institucionais semelhantes ao das igrejas cristãs. E a ISKCON, foi apenas mais um dos frutos dessa modernização, assim como as demais *matha gaudiya*.

Essa é uma posição que mesmo a ISKCON e as outras *matha* têm dificuldade em admitir, devido as divergências entre si e as disputas por espaço e prestígio. A ISKCON por ter se tornado a instituição *gaudiya* de maior poder e alcance, devido a sua capacidade de internacionalização e recursos vindos do Ocidente, se coloca muitas vezes como "a"

[20] Sobre a missão Vrinda no Brasil, cf.: THOMAZ, 2015.
[21] Cf. DESAI; AWATRAMAMI; DAS, 2004, p.194-213.
[22] Sobre isso, Silveira (2008, p. 154-155) comenta: "A preocupação de Bhaktivedanta Swami estava voltada para a influência do impersonalismo da *Ramakrishna Mission* sobre o público ocidental [...]".

continuidade do trabalho de Bhaktisiddhanta ou como "o" movimento de Chaitanya, excluindo ou deslegitimando as demais *matha gaudiya*. Raramente pude ler descrições de membros da ISKCON ou de Prabhupada se colocando como "uma das" *matha gaudiya*. O mesmo ocorre com certas declarações de outras *matha* que excluem a ISKCON ou os seus membros ocidentais da herança da tradição *gaudiya*. Algumas delas, chegaram a acusar a ISKCON ou próprio Prabhupada, de não saber dos detalhes "mais íntimos" da teologia *gaudiya* e que, por isso, os ocidentais deveriam ser iniciados por gurus *gaudiya* indianos experientes[23].

Mas, em última instância, debates, discordâncias e (des)legitimações entre as diversas *sampradaya*, *matha* e *sanga* (congregações de discípulos de um mesmo guru) ocorrem na Índia desde os tempos de Shankara no período medieval indiano[24] e tem sido um fator de revitalização do próprio hinduísmo por gerações.

Em sentido doutrinário e teológico, as tradicionais tipologias igreja-seita e suas derivadas não me parecem dar conta da complexidade que envolve a história e cultura das tradições do hinduísmo, sobretudo à do vaishnavismo *gaudiya*. Explicar o vaishnavismo *gaudiya* como uma "seita" do hinduísmo ou o Hare Krishna como uma "seita oriental" no Ocidente, parece desconsiderar diversos aspectos históricos de sua trajetória com o intuito de encaixar forçadamente um objeto de análise específico em uma epistemologia criada para pensar o "todo" ou para pensar outros temas específicos que não este.

O termo NMRs também, pela sua amplitude, situa apenas uma parte da história, ou seja, a conjuntura do desenvolvimento de formas novas de religião e religiosidade do Ocidente do Pós-Guerra. No entanto, devido à generalização que lhe é própria, tende a apagar as particularidades históricas e teológicas, levando em conta apenas o impacto e as dinâmicas sociais e comportamentais desses fenômenos no Ocidente. Boa parte dos estudiosos dos NMRs vêm da sociologia, teologia, ciências da religião e antropologia. Os estudos que se dedicam à história do hinduísmo e, mais especificamente, ao estudo do vaishnavismo, tendem a situar o Movimento Hare Krishna como parte da tradição do vaishnavismo *gaudiya* e da Gaudiya Math[25], ainda que, em alguns casos, continuem utilizando termos como "seita", na esteira de Weber, para definir as *sampradaya vaishnava*[26].

Por outro lado, as alegações de membros da ISKCON (cf. CARVALHO, 2019) de que

[23] Esse foi o caso das disputas que envolveram a ISKCON e o guru Narayana Maharaja, um "sobrinho espiritual" de Prabhupada e líder da Sri Keshavaji Gaudiya Matha. Cf. COLLINS, 2004.
[24] O período medieval indiano se deu, aproximadamente, entre 500 e 1500 da Era Cristã, cf.: FLOOD, 2014.
[25] A *Encyclopedia of Hinduism*, por exemplo, situa a ISKCON como uma das *gaudiya math*: JONES; RYAN, 2007, p. 165.
[26] Como é o caso de: SILVEIRA, 2005, 2008; e TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

o Movimento Hare Krishna não é "seita", mas, sim uma espécie de movimento "cultural", "filosófico" ou uma continuação, um resgate da "cultura védica" ou "a" continuação do movimento de Chaitanya, não pode ser aceita, do ponto de vista de uma definição conceitual histórica precisa e satisfatória.

Por mais que a ISKCON queira afastar-se institucionalmente das demais *matha gaudiya*, pretendendo-se como "a" continuidade do "movimento de Chaitanya", é preciso ressaltar sempre que ela é apenas "uma" das *matha* existentes que representam regional e internacionalmente o vaishnavismo *gaudiya*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHATIA, Varuni. **Unforgetting Chaitanya**: vaishnavism and cultures of devotion in colonial Bengal. New York: Oxford University Press, 2017.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2016.

CAMPBELL, C. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio, v. 18, n. 1, 1997, p. 5–22.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2000.

COLLINS, Irvin H. The "routininization of charisma" and the carismatic: the confrontation between ISKCON and Narayana Maharaja. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement**: The postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University press, 2004, p. 214-237.

DASA, Rupa V. **Divina sucessão**: biografia dos mestres anteriores a Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Brasília: BBT, 2003.

DESAI, K; AWATRAMAMI, S; DAS, M. The no change in ISKCON paradigma. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement**: The postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University Press, 2004, p.194-213.

FLOOD, Gavin. **Introdução ao Hinduísmo**. Juiz de Fora: UFJF, 2014.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. **Srila Prabhupada-lilamrta - Vol. 1**: Toda uma vida de preparação - Índia/1896-1965. Brasília: The Bhaktivedanta Book Trust, 2008a.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. **Srila Prabhupada-lilamrta - Vol. 2**: Plantando a semente - Nova Iorque/1965-1966. Brasília: The Bhaktivedanta Book Trust, 2008b.

JONES, C. A.; RYAN, J. D. **Gaudiya Math**. Encyclopedia of Hinduism. New York: Facts On File, 2007, p. 165.

ROCHFORD JUNIOR, E. Burke. **Hare Krishna in America**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1985.

ROSEN, Steven. **The lives of the Vaishnava saints**: Shrinivas Acharya, Narottam Das Thakur, Shyamananda Pandit. Vrndaban: Rasbihari Lal & Sons, 2002.

SCHWEIG, G. M. Krishna: the intimate deity. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement**: The postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University press, 2004.

SILVEIRA, Marcos Silva da. New age & neo-hinduísmo: uma via de mão dupla nas relações culturais entre Ocidente e Oriente. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Socias e Religião**, v. 7, n. 7, p. 73–101, 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2278/983>. Acesso em: 03 jun. 2018.

SILVEIRA, Marcos Silva da. O "neo-hinduísmo" de Calcutá e a orientalização do Ocidente: notas a respeito da dinâmica histórica de trânsitos religiosos contemporâneos. In: L. Macagno; F. R. Ribeiro; P. S. Schermann (Orgs.); **Histórias conectadas e dinâmicas pós-coloniais**. Curitiba: Fundação Araucária, 2008.

SULLIVAN, Bruce M. **Brahma Sutra**. Historical Dictionary of Hinduism. Lanham & London: Scarecrow Press, 1997.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Matha**. Encyclopædia Britannica, 22 oct. 2007. Disponível em: https://www.britannica.com/topic/matha. Acesso: 13 jan. 2021.

THOMAZ, A. T. **Estratégias missionárias do movimento Hare Krishna Vrinda na cidade de São Paulo**. Monografia (Bacharelado em Teologia), São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VALERA, Lúcio. **A mística devocional (Bhakti) como experiência estética (rasa)**: um estudo do Bhakti-Rasāmrta-Sindhu de Rūpa Gosvāmī, 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.

* * * * * **